

Holocausto em *Maus*: tema e universo fraturantes em HQ

RESUMO

Utilizando uma análise bibliográfica em seus aspectos teóricos, conceituais e históricos, por meio de uma pesquisa qualitativa, este trabalho tem como proposta discutir o Holocausto usando *Maus: a história de um sobrevivente*, uma história em quadrinhos de autoria de Art Spiegelman (2009), publicado pela primeira vez em 1980. A História em Quadrinhos (HQ) trata do autor em entrevistas com Vladek Spiegelman, seu pai, acerca de suas memórias no campo de concentração de Auschwitz, no sul da Polônia, desenvolvido na Alemanha nazista, que pôs em prática o extermínio de judeus, ciganos, homossexuais, deficientes mentais e físicos. Justificada pela lógica da superioridade racial, o Holocausto está inserido entre as lutas que ocasionaram milhões de mortes durante as guerras coloniais e imperialistas, a sacrificar coletivamente grupos sociais excluídos do sistema organizacional dominante e das classes populares do mundo. Tomamos como aporte teórico as investigações acerca da literatura e da literatura infantil, e juvenil, realizadas por Bajour (2012), Coelho (2008), Colomer (2003; 2017), Resende (2001), Turchi e Souza (2010). Para o suporte sociológico e histórico, Bauman (1999), Chalhoub e Pereira (1998), e Guterman (2020) foram pontuais quanto ao entendimento do Holocausto sob uma visão cultural, da história das ideias e das relações sociais. Nossos argumentos conduzem ao entendimento de que o Holocausto pode ser narrado pela arte sequencial da HQ, esculpida por Spiegelman, pois pautada em argumentações históricas e ficcionais. Os temas fraturantes na literatura infantil e juvenil têm se tornado recorrentes nas narrativas contemporâneas. O encontro entre os campos da Literatura e da História presente em *Maus*, tratado com seriedade e dignidade pela ilustração e pelo texto de Art Spiegelman, consiste em um testemunho histórico do genocídio praticado pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial que vitimou judeus e outras minorias. Essa temática integra as tendências contemporâneas da Literatura à medida que conhecer as atrocidades do Holocausto nos leva a ter mais atenção ao tempo presente diante aos tantos acontecimentos que contrariam os direitos humanos e que podem levar um novo recrudescimento do racismo e da xenofobia.

PALAVRAS-CHAVE: Holocausto. História em quadrinhos. Tema fraturante. Literatura e história.

Anna Maria Ribeiro F. M. da Costa
annaedu@hotmail.com
Centro Universitário de Várzea Grande, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil.

Rosemar Eurico Coenga
rcoenga@gmail.com
Universidade de Cuiabá, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil.

Fabiano Tadeu Grazioli
tadegraz@yahoo.com.br
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Erechim, Rio Grande do Sul, Brasil.

INTRODUÇÃO

Gostamos de autores que não têm medo de escancarar temas polêmicos – ainda que com muita poesia –, amamos quem não subestima o leitor e quem acredita que todos os assuntos devem ser debatidos. Entendemos que é assim que se formam leitores sensíveis e conscientes.

José Jorge Letria, em *A guerra* (2019).

Poucos meses após Adolf Hitler chegar ao poder, mais precisamente entre 10 de maio e 21 de junho de 1933, queimas de livros foram organizadas em várias cidades da Alemanha, com a presença de autoridades. Milhares deles foram queimados durante campanhas organizadas por associações estudantis. Estimase que 20.000 livros de autoria de judeus considerados “não alemães”, os *undeutsch*, foram arrancados das estantes de bibliotecas públicas e atirados às labaredas de fogueiras acessas em praças públicas alemãs. Ação que pode ser testemunhada, em imagem fotográfica, no *United States Holocaust Memorial Museum*, em Washington, em visita virtual. O documento iconográfico, de dimensão avantajada, chama a atenção do visitante ao denunciar uma cena de queima de livros. Em uma passagem em *Os homens que salvavam livros: a luta para proteger os tesouros judeus das mãos dos nazistas*, escrita por David E. Fishman (2018, p. 9)¹, no regime nazista, a queima de livros foi absolutamente necessária, “um ato de pilhagem e destruição cultural”. No processo de seleção dos livros posto a cabo pela ideologia nazista, bastava ser um judeu o autor para ter a fogueira como destino.

Posteriormente, no caminhar pela linha da história, a queima de livros se faz presente com frequência. Citamos exemplos como o macarthismo, entre os anos de 1950 a 1957, nos Estados Unidos, qualificado por atos de repressão política aos comunistas; a ditadura de Augusto Pinochet, no Chile, em 1973; a ação de policiais e paramilitares do Sri Lanka, em 1981; a guerra da Bósnia, de 1992 a 1995; os adeptos do culto “medicina universal”, na Austrália, em 2009.

Durante a ditadura civil-militar de 1964 a 1985, cerca de 140 livros de autores brasileiros foram oficialmente vetados pelo Estado brasileiro. Mais recentemente, em 2019, no Rio de Janeiro, durante a 19ª edição da Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro, um grupo de fiscais da Secretaria Municipal de Ordem Pública, visitou estandes do evento com o intento de apreender livros que versassem sobre homossexualidade. Estavam à caça de Wiccano e Hulkling, personagens homossexuais de *Vingadores, a cruzada das crianças* (2016), romance gráfico de Allan Heinbert e Jim Cheung, da Marvel Comics, a maior editora de histórias em quadrinhos do mundo.

Arbitrariedades de governantes de diversas partes do mundo nos fazem lembrar de Ítalo Calvino (2010, p. 74) em *Um general na biblioteca*. Nesse conto ficcional, um general é convocado “a examinar todos os livros da maior biblioteca de Pandúria, diante a uma suspeita insinuada nas mentes dos oficiais superiores: a de que os livros tivessem opiniões contrárias ao prestígio militar.” Mas, algo inesperado ocorre ao militar e aos seus subalternos, sob o olhar assustado do

bibliotecário, ao se disporem a ler todos os livros antes de dar o veredito final com seu carimbo: positivo ou negativo. Ao se encantarem com os conteúdos dos livros, os oficiais se espantaram com a quantidade de lições apreendidas durante as leituras. Ao término da missão, o general, ao expor o resultado da seleção de livros, levou o Estado Maior a conduzi-lo e sua equipe à reserva por motivos de saúde.

Não somente pessoas são perseguidas, torturadas e mortas em Estados adeptos a regimes políticos totalitários. Livros passaram por esta sina. Encontram-se em constante ameaça, como pessoas. No caso específico do Holocausto, tema central desta análise, não se pode deixar de falar no destino que o nazismo reservou aos livros e certamente aos seus autores. Esse episódio nos remete à Molly Guptill Manning (2015, p. 11), ao afirmar: “livros não se destinavam apenas a entretenimento e diversão. Também serviam como a principal arma para enfrentar a ‘guerra de ideias’ de Adolf Hitler. A Alemanha nazista visava a controlar as crenças dos povos, e não apenas seus corpos e territórios.” A “limpeza” não foi somente étnica, mas também dos ideais da República de Weimar da Alemanha (1919-1933), até o estabelecimento do regime nazista.

Em tempos em que sistemas democráticos encontram-se sob constantes ameaças, ao abrigo do totalitarismo e da ordenação do recrudescimento do racismo, da homofobia, da xenofobia, interessar-se pelas duras lições dadas pelo propósito nazista de exterminar judeus na Europa é, sem dúvida, preocupar-se com tempos presentes. Tempos em que o espectro da desumanidade ameaça pessoas, povos, livros. Que a “solução final” da política nazista de genocídio contra judeus, ciganos, homossexuais reverta-se na profunda transformação sofrida por Fedina, o general da Pandúria que descobriu nos livros formas de entender o mundo.

Neste estudo, ainda que trate do Holocausto, também conhecido como *shoah* (catástrofe, em hebraico), não nos detemos em recontar sua história. Observamos com cuidado a apresentação de argumentos que conduzam ao entendimento de que a complexidade do Holocausto pode ser contada com um profícuo diálogo entre História e Literatura, no caso deste estudo, da arte sequencial das Histórias em Quadrinhos (HQ), afastando-se do “formato sagrado”, nos termos do historiador Guterman (2020, p. 123). Holocausto em Spiegelman, literatura esculpida de formas real e ficcional, faz uso de ratos e gatos, alegorias que representam judeus e nazistas, respectivamente.

Esse problema de pesquisa originou-se da leitura do livro *Maus: história de um sobrevivente* (2009), de autoria do sueco Art Spiegelman, precisamente durante um diálogo entre seus personagens: o próprio autor e desenhista das HQ, Spiegelman, e Françoise Mouly, sua companheira. A cena dá-se no interior do carro, com Françoise ao volante, no instante em que Art, filho dos poloneses judeus Vladek Spiegelman (1906-1982) e Anja Spiegelman (1912-1968), sobreviventes de Auschwitz, demonstra sua preocupação em conseguir narrar em HQ as experiências vividas por seus pais. Assim ele diz: – “Tanta coisa eu nunca vou conseguir entender nem visualizar. É que a realidade é complexa demais para ser contada em quadrinhos... Precisa deixar coisas de fora, simplificar.” (SPIEGELMAN, 2009, p. 176).

Esse quadrinho, particularmente, foi decisivo para transformar nosso tema em uma situação-problema: até que ponto é válido tratar o Holocausto pela história em quadrinhos? Para além de Spiegelman (2009), autor de *Maus: a história de um sobrevivente*, HQ que nos propomos analisar, a resolução das problemáticas apontadas encontram-se em referenciais teóricos tanto da Literatura como da História.

Demonstrar que os horrores sem limites do Holocausto podem ser narrados no diálogo entre História e Literatura e com recursos visuais das HQ consiste em nossa meta. Nas palavras de Françoise, companheira de Art, autor e personagem de *Maus*, “é só ser sincero” (SPIEGELMAN, 2009, p. 176). Nos dias de hoje, passados 75 anos contados ao final da Segunda Guerra Mundial, a *shoá* ainda precisa ser muitas vezes contada, recontada. Em tempos de legitimação do autoritarismo e da barbárie, como renunciou o filósofo alemão Theodor Adorno (1995, p. 119), “a exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação”.

1. LITERATURA COMO DOCUMENTO HISTÓRICO

Sobre o Holocausto, o historiador Marcos Guterman (2020, p. 124) aponta três categorias de Literatura:

[...] a que reivindica a veracidade histórica, sem ser historiografia – isto é, pretende retratar a verdade do que aconteceu, e não ser uma interpretação do que aconteceu, como cabe à História fazer; a que se supõe historicamente veraz, mas sem reivindicar essa característica, senão de forma indireta, por meio do contexto; e, por fim, há a categoria propriamente historiográfica, de acordo com o ideal do historiador alemão Leopold von Ranke, isto é, a história ‘como ela se passou exatamente’ (*wie is eigentlich gewesen*), com método científico.

Em seu livro, *Holocausto e Memória* (2020, p. 123), Guterman atenta para um “mal-estar, uma sensação de inadequação, ao tratar do Holocausto como tema literário ou de ficção, isto é, fora do formato ‘sagrado’. É como se não fosse permitido, por alguma lei não escrita, retratar o Holocausto não como aconteceu, mas como alegoria.”

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945), um dos conflitos mais violentos que transformou a história da humanidade, envolveu inúmeras nações que se dividiram entre potências aliadas e países do Pacto do Eixo. Sobre a Segunda Guerra Mundial, para além da vasta produção historiográfica nacional e estrangeira existente, tem-se também uma produção igualmente expressiva em um dos gêneros textuais da Literatura: o romance. O mesmo se pode dizer para o tema Holocausto, inclusos aqueles dedicados aos seguimentos infantil e juvenil. Citamos alguns: *Maus: a história de um sobrevivente* (2009), de Art Spiegelman, objeto desta análise; *Uma vez: todo mundo merece ter alguma coisa boa na vida pelo menos uma vez*, de Morris Gleitzman (2017), que recebeu o Selo Altamente Recomendável na Categoria Tradução, no ano seguinte, da Fundação Nacional de Literatura Infantil e Juvenil (FNLIJ); *O diário de Anne Frank*, de Anne Frank (2020);

em versão HQ, *O diário de Anne Frank*, de Ari Folman e David Polonsky (2020); *Refugiados*, de Alan Gratz (2019); *A menina que roubava livros*, de Markus Zusak (2013), *Os meninos que enganavam os nazistas*, de Joseph Joffo (2017); *Hora da guerra: a segunda guerra mundial vista da Bahia* (2008), de Jorge Amado, prefaciado pelo historiador Boris Fausto. Não poderíamos deixar de fazer referência à obra *Visões da guerra: Lasar Segall*, de Lasar Segall (2012). Trata-se de um livro-arte que apresenta uma série completa de desenhos que testemunham as duas grandes guerras. A Arte do pintor lituano, radicado no Brasil, eterniza memórias e relatos familiares e do noticiário dos campos de concentração.

Perderíamos de vista nosso enfoque central se continuássemos a enumerar livros sobre o Holocausto, ainda que para nós desperte singular interesse. O que ora nos preocupa diz respeito ao profícuo encontro entre História e Literatura, que muitos denominam de romance histórico. Composto por um tecido escriturístico, tem propriedades para construir representações acerca de determinada realidade; possui “estatuto de uma obra literária como testemunho histórico”, no pensar de Chalhoub e Pereira (1998, p. 8).

Em 2017, a programação da 15ª Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), na mesa “Foras de série”, mediada por Lilia Moritz Schwarcz, os escritores Ana Miranda e João José Reis discutiram sobre o encontro entre Literatura e História. Para a pertinência desta abordagem, destacamos as fronteiras entre ficção e história que culminaram em trocas profícuas entre a romancista e o historiador no emprego de fontes históricas para escrever romances e biografias. Na acalorada tarde, Reis, ao trazer à memória que até o século XIX a História era vista como Literatura, citou Marguerite Yourcenar: “todo romance é histórico na medida em que faz a recuperação de um tempo perdido” (O GLOBO CULTURA, 2017). E, sem esquecer que as ações dos personagens quando ficcionais são entendidas como lições de vida que devem ser apreendidas.

Na busca de uma lógica social do texto, como propõem os historiadores Chalhoub e Pereira (1998, p. 8), tem-se como resultado a inserção “de autores e obras literárias específicas em processos históricos determinados”, ainda que aqui tratemos de um livro ofertado a um público diferenciado daqueles dos historiadores. Mesmo assim, o trilhar teórico-conceitual de Chalhoub e Pereira (1998) e o debate da mesa “Foras de série” trouxeram a nós *Maus: história de um sobrevivente*, livro traduzido em mais de trinta línguas, que relata a vivência de seus pais nos campos de concentração. Spiegelman faz uma descrição autobiográfica de seu pai, Vladek, da vida em

[...] família na Polônia até a deportação para Auschwitz e, depois, sua volta para casa, tudo narrado pelo pai numa série de entrevistas ao filho, que ‘traduziu’ esse relato nesta obra *sui generis*, na qual o autor também descreve sua complexa relação com Vladek.” (GUTERMAN, 2020, p. 129)

Ainda que décadas tenham transcorrido do término da Segunda Guerra Mundial, a literatura em quadrinhos de *Maus* traz à tona as atrocidades perpetradas pelo regime nazista que resultaram no genocídio que atingiu cerca

de seis milhões de judeus, 200.000 ciganos, 250.000 pessoas com deficiência mental e física e 9.000 homossexuais. Sem dúvida, um tema fraturante que, com frequência cada vez mais regular na obra narrativa, volta-se aos públicos infantil e juvenil. Nos dias de hoje, esses temas, tão emergentes, preocupam-se em direcioná-los aos questionamentos e às reflexões e visões críticas da realidade atual, propiciando visibilidades aos principais problemas e tensões sociais, estas tão emergentes. A multiplicidade de abordagens desvela o enorme papel que a literatura para a infância e juventude se propõe, não com o único propósito de formar leitores, mas, especialmente, cidadãos. E, no cômputo da formação da cidadania, o livro de Art Spiegelman reveste-se de uma importância ímpar para se pensar a problemática do totalitarismo e do antissemitismo pela ótica do diálogo entre Literatura e História.

Maus, que se propõe a realizar esse diálogo, desencadeia uma avalanche de lembranças que organizam a substância de seus quadrinhos; transporta a memória individual de Vladek, seu pai, um sobrevivente de Auschwitz, vivente a partir de uma memória coletiva, constituída no interior de um grupo, alimentada de diversas memórias, a “memória coletiva”, nos dizeres de Halbwachs (2013, p. 31), pois uma ou mais pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstituir toda a sequência de nossos atos e nossas palavras em circunstâncias definidas, sem que nos lembremos de nada de tudo isso.

Maus, ao avivar a experiência de pessoas no campo de concentração da Alemanha nazista, remete o leitor às arbitrariedades do ideal “Estado Jardineiro”, termo cunhado por Bauman (1999). Trata-se de uma metáfora para explicar a “inclusão” e a “exclusão”, o “bom” e o “mal”. Em meio ao plantio, o jardineiro, incumbido de proteger o bom da plantação, elimina as ervas daninhas para que não prejudiquem o desenvolvimento do plantio. Alcançando a vida humana, o jardineiro é o Estado, executor do plano de seleção. *Maus*, ainda tem o mérito de ensinar às crianças e aos adolescentes vivências de um dos capítulos mais sombrios da História, a tal ponto que a Organização das Nações Unidas, em comunicado oficial, instituiu em 2005, em Assembleia Geral, o 27 de janeiro o “Dia Internacional em Memória das Vítimas do Holocausto”², quando condenou manifestações de intolerância, incentivo ao ódio, perseguição ou violências contra pessoas ou comunidades por motivos étnicos ou religiosos, tão presentes em tempos hodiernos.

Art Spiegelman, pela perspectiva de seu pai, um sobrevivente de Auschwitz, ao entremear elementos textuais e visuais para narrar o Holocausto em História em Quadrinhos, gênero textual bastante apreciado por crianças e jovens, em nada diminui o testemunho histórico sobre o genocídio cometido pelo Terceiro Reich e colaboracionistas. Sem dúvida, um testemunho histórico da Alemanha nazista.

Há muito não se pode mais caracterizar as HQ como Literatura eminentemente ficcional. Inúmeros fatos históricos e biografias vêm encontrando nos quadrinhos um profícuo lugar de criação e publicação artísticas sobre acontecimentos que marcaram os feitos da humanidade. Nesse sentido, acreditamos que não se tem dúvida de que *Maus* apresenta possibilidades didático-pedagógicas que permitem processos de interação entre distintos campos do conhecimento. Como recurso didático-pedagógico nas aulas de Literatura e História, por exemplo, o emprego das Histórias em Quadrinhos no

ambiente escolar tornar-se-á oportuno tanto à formação de leitores como ao aprendizado sobre o Holocausto.

O problema explorado e analisado, neste caso a Literatura como testemunho histórico ou literatura de testemunho, consiste em historicizar a obra literária, ainda que alguns estudiosos não entendam HQ como Literatura, questão esta fora deste enfoque. Como foi dito anteriormente, o que nos interessa é discorrer sobre a Literatura como testemunho histórico. Para isso, faz-se necessário o exercício de inseri-la “no movimento da sociedade, investigar as suas redes de interlocução social, destrinchar não a sua suposta autonomia em relação à sociedade, mas sim a forma como constrói ou representa a sua relação com a realidade social.” (CHALHOUB; PEREIRA, 1998, p. 13)

Ainda percorrendo a esteira dos historiadores Chalhoub e Pereira (1998, p. 8), “qualquer obra literária é evidência histórica objetivamente determinada – isto é, situada no processo histórico –, logo apresenta propriedades específicas e precisa ser adequadamente interrogada.” Para isso, deve-se

[...] descobrir e detalhar com igual afinco tanto as condições de produção de uma página em livro de atas, ou de um depoimento em processo criminal, quanto as de um conto, crônica ou outra peça literária. Cabe o mesmo interrogatório sobre as intenções do sujeito, sobre como este representa para si mesmo a relação entre aquilo que diz o real, cabe desvendar aquilo que o sujeito testemunha sem ter a intenção de fazê-lo, investigar as interpretações ou leituras suscitadas pela intervenção (isto é, a obra) do autor; enfim, é preciso buscar a *lógica social do texto*. O *bê-á-bá* do ofício do historiador social é o mesmo, na análise da fonte literária, parlamentar, jornalística, jurídica, iconográfica, médica, ou seja lá o que mais. (CHALHOUB; PEREIRA, 1998, p. 8)

Ao se tornar um *best-seller*, a obra *Maus*, uma fonte literária, editada nos Estados Unidos, foi integrada na lista dos mais vendidos pelo jornal *The New York Times*, na categoria ficção. Spiegelman, em sua arte gráfica, emprega imagens de animais para representar seres humanos: os gatos são nazistas; os ratos são judeus. Seu livro, a depender de quem analisa, alterna entre ficção e não ficção, provavelmente por usar uma linguagem – os quadrinhos – normalmente vinculada a histórias de super-heróis e aventuras. Naquele momento, Art Spiegelman pediu que o jornal reclassificasse sua obra, como sendo de ‘não-ficção’, mas o próprio autor, em outros momentos, entendia que *Maus* era um relato literário ficcional. Quando foi indicada para o prêmio National Book Critics Circle, *Maus* foi classificado como ‘biografia’ – logo, não ficção.” (GUTERMAN, 2020, p. 130).

Ficção ou não ficção, a história do Holocausto apresentada nos quadrinhos de Spiegelman responde questões tão caras à História: o que aconteceu na Alemanha nazista? Em que tempo aconteceu? Por que aconteceu? Como aconteceu? Em que lugar aconteceu? Todas elas orientam o trabalho do historiador que, ao ter compromisso com a verdade, abandona a História com abordagem factual, cronológica, evolucionista e linear dos acontecimentos. Aporta-se, portanto, em uma “história-problema”. (LE GOFF; NORA, 1979).

O encontro da História com a Literatura possibilita o testemunho histórico, as evidências históricas, os indícios históricos, estas duas últimas situações também adotadas na construção da narrativa histórica, quando o historiador não consegue responder a totalidade de sua investigação, em virtude de o conjunto documental trabalhado por ele não dar conta de apontar todas verdades. A narrativa histórica, contrariamente à narrativa literária, tem compromisso com a verdade. Ela se afasta da narrativa literária no momento em que seu conhecimento não se limita aos seus aspectos narrativos. Encontra-se entre os ofícios do historiador envolver determinado fato em um conjunto documental que dê conta de desvendar sua escrita argumentativa.

Somos sabedores de que existem diferenças consubstanciais entre História e Literatura. À História, inversamente à Literatura, não lhe é permitida a criação de personagens, de cidades, de acontecimentos, a exemplo do general Fedina, em sua cidade Pandúria, de Ítalo Calvino (2010). A História está compromissada com a verdade. Dimensões distintas e distanciamentos assinalam o encontro entre História e Literatura. Ainda assim, aproximações existem. Essas possíveis aproximações fazem com que a literatura possa ser um documento histórico, um testemunho histórico. Narrativas históricas e literárias trabalham com modos de atribuir às suas narrativas sentidos às vivências humanas.

2. TEMAS FRATURANTES NA LITERATURA JUVENIL

Nesta seção, buscamos abrir espaço pensando nas possibilidades de discussão de temas fraturantes no campo da literatura juvenil contemporânea. Os temas polêmicos, ou fraturantes, têm presença significativa na literatura endereçada a crianças e aos jovens. Temáticas, como morte, violência sexual, luta contra a discriminação de raça ou gênero, homoafetividade, guerra e outros episódios traumáticos, constituem as principais tendências editoriais.

A discussão da temática surge da nossa observação: de que ainda existem muitos professores e professoras que evitam debater temas tabus por considerarem inadequados, por não se sentirem preparados para lidar com esses assuntos ou, até mesmo, por julgarem que a criança e o jovem não estão aptos a discutirem determinados assuntos. A nosso ver, trata-se de um pensamento reducionista e simplista que não credita a exigência de uma postura ativa, crítica e ética por parte dos leitores. Debater temas complexos – dor, separação, suicídio, desamparo – dentro do espaço escolar, inserindo-o como espaço de abertura, de troca e de construção de sentidos dos textos. Falar sobre esses temas implica adentrar nos meandros da existência humana.

A história da literatura infantil no Ocidente tem suas raízes nas narrativas recolhidas e compiladas primeiramente na França no século XVII, por Charles Perrault, seguido pelos Irmãos Grimm, na Alemanha do século XIX e, ainda, Hans Christian Andersen, na Dinamarca, no século XIX. Considerado um dos fundadores da literatura infantil os contos Andersen “se alimentam da realidade cotidiana, na qual imperam a injustiça social e o egoísmo”. (COELHO, 2008, p. 30)

Em contos como *A pequena vendedora de fósforos* (1972), que elegemos aqui como exemplificação, Andersen expõe sua personagem às situações mais duras de dor e sofrimento: fome, indiferença, solidão, rejeição, inveja, morte e

carência. Daí que, em geral, os contos de Andersen sejam tristes ou tenham finais trágicos. Sob esse prisma, Resende (2001) nos convida a crer

[...] que as leituras que o adulto sugere ao leitor infantil devem restringir-se a temas específicos, que o “distraiam”, o “entretendam”, falando-lhe superficialmente aos sentimentos, ou tocando-os apelativamente para um desenvolvimento exacerbado, é banalizar a condição existencial da criança. Disso decorre, muitas vezes o rebaixamento das condições estéticas, de que resultam produtos pobres, infantilizados, literariamente pueris. (RESENDE, 2001, p. 48)

É um engano acreditar que às crianças e aos adolescentes deva ser dado algo simplificado, sem densidade. A busca pelo controle da literatura infantil e juvenil se perpetua até os dias de hoje e os percursos dessa ideia traçam caminhos tortuosos à formação leitora crítica e emancipatória. Selecionamos, neste estudo, pelas HQ *Maus: a história de um sobrevivente* (2009) como obra favorável à abertura para discussão acerca de temas ainda vistos como tabus, por se tratar de um tipo de livro que exige um leitor ativo.

Maus, considerado um clássico contemporâneo, possui grande relevância tanto no campo da HQ, quanto no uso com temas fraturantes que estão presentes na cultura escolar, favorecendo um posicionamento reflexivo. De acordo com nosso entendimento, torna-se necessário o estudo desses aspectos para melhor compreender as razões do Holocausto que causaram graves violações à dignidade humana. Esses argumentos, analisados em conjunto, revelam nosso interesse pessoal sobre o tema, dito anteriormente, como também a importância e a atualidade de nosso estudo.

Por nossa própria experiência docente, cremos que deveriam ser obrigatórios na formação escolar de todas as crianças e jovens o estudo e a reflexão sobre um dos períodos mais tenebrosos da história humana, daí apresentarmos uma proposta de leitura usando como atrativo a história em quadrinhos *Maus* (SPIEGELMAN, 2009). A obra *Maus* possui uma linguagem acessível ao público juvenil, portanto, surge como mediadora entre a cultura juvenil e o conhecimento histórico. Além disso, os aspectos do antissemitismo e do nazismo são revestidos de atualidade e se mostram pertinentes aos jovens leitores, porquanto a xenofobia, a questão dos refugiados, os preconceitos religiosos, a intolerância a todas as formas de discriminação encontra-se presentes no nosso dia a dia.

Teresa Colomer (2003) se propõe à caracterização atual de narrativas de ficção infantil e juvenil dos últimos vinte anos, a fim de verificar a nova configuração dessa produção. O mapeamento pesquisado pela autora diz respeito a um *corpus* total de 201 obras contidas nas 150 selecionadas, destinadas a crianças e jovens. O ponto de partida exposto pela autora é a ideia de que, “desde os fins da década de 1970, a literatura infantil e juvenil experimentou um enorme impulso inovador para adequar-se às características de seu público atual” (COLOMER, 2003, p. 173). Consiste em “um novo caminho para adequar sua proposta literária e educativa aos leitores nascidos no seio

dessas novas sociedades que a levaram a terrenos não conhecidos anteriormente”. (COLOMER, 2017, p. 189)

Ainda ao lado de Colomer (2003, p. 248), nos gêneros literários analisados constatou-se “uma presença quantitativa muito homogênea de narrativas para adolescentes”. Observa-se um grupo variado que tematiza a construção de uma personalidade própria, obras que conjugam as diferentes temáticas sob a forma de diários pessoais dos protagonistas. Narrativas que tratam de temas sociais e consistem na descrição de denúncia de situações de exploração econômica e de repressão social. E, por fim, a narrativa para adolescentes se insere na fantasia, na ficção científica, no romance policial, no romance histórico, etc.

De acordo com a pesquisadora Teresa Colomer (2017), desde a Segunda Guerra Mundial, estimular o conhecimento e o respeito pelos demais grupos étnicos e culturas têm sido um valor primordial na literatura infantil e juvenil. Durante as décadas de 1950 e 1960, a perspectiva social, o “outro”, ou seja, com quem identificar-se, têm-se “os judeus em uma literatura europeia impressionada pelo holocausto nazista, ou os negros, na literatura norte-americana imersa na luta contra o *apartheid*” (2017, p. 205).

A fim de abordar o processo da multiculturalidade, Colomer salienta que no decorrer da década de 1990 e com a mudança do século, a multiculturalidade emergiu como um fenômeno interno das sociedades ocidentais devido aos intensos fluxos migratórios provocados pelas desigualdades entre o primeiro e o terceiro mundo. Trata-se, precisamente, de um dos fenômenos mais característicos das sociedades atuais a uma nova concepção do tecido social (COLOMER, 2017, p. 206).

Em meio a essas mudanças, a literatura infantil e juvenil vem introduzindo novos temas sobre “a necessidade de tolerância, negociação e integração intercultural, com um grau crescente de complexidade em seu tratamento” (COLOMER, 2017, p. 206). Também é amplamente conhecido por todos os pesquisadores que se debruçam sobre estudos voltados à literatura infantil e juvenil que, no final da década de 1960, foi inaugurada uma renovação de obras destinadas a esse público, conhecido como o *boom* da literatura infantil.

Desde o final dos anos de 1960 e durante toda a década de 1970, um número expressivo de autores tem produzido obras com uma linguagem inovadora, levando o pequeno e o jovem leitor à reflexão e à crítica. Na literatura infantil e juvenil brasileira endereçada às crianças e aos jovens, encontramos muitos títulos e obras que poderiam ser classificadas como temas delicados, ou seja, obras que tratam de temas escamoteados dentro do universo escolar.

Sem pretender um apanhado mais amplo, passemos por alguns exemplos do contexto da literatura infantil e juvenil brasileira. Fazemos menção a três importantes obras para crianças e jovens para uma identificação de alguns temas fraturantes nelas contidos: *O abraço* (2010); *Sapato de salto* (2006) e *O meu amigo pintor* (2011), de Lygia Bojunga Nunes. Na obra *O meu amigo pintor*, a morte se dá por meio do suicídio, um tipo de violência contra si mesmo, normalmente com o intuito de pôr fim a um sofrimento doloroso. Já em *O Abraço* e *Sapato de salto*, a autora levanta questões sobre a violência e o abuso sexual. Nas três obras listadas aparecem basicamente a temática do suicídio, o assassinato, a morte e o abuso sexual.

As obras citadas de Lygia Bojunga Nunes, consideradas literatura para jovens, no olhar de Turchi e Souza, “representam a possibilidade de, pela arte, chegar à profundidade da violência: reconhecê-la com os aspectos sombrios, obscuros do ser humano” (2010, p. 118).

À GUIA DE CONCLUSÃO: TEMAS FRATURANTES EM HQ

Em 2005, a data de 27 de janeiro foi indicada pela Organização das Nações Unidas para rememorar as vítimas do Holocausto e o significado deste genocídio que causou graves violações à dignidade humana na primeira metade do século XX. Para tanto, com o exemplo de *Maus* em HQ, julgamos pertinente abordagens/intervenções sobre antissemitismo dirigido aos jovens, a fim de explicar cenários históricos.

Nos últimos anos, notamos um investimento editorial significativo sobre a temática do Holocausto, direcionadas aos jovens leitores. Acerca do tratamento do Holocausto, muitas obras para crianças e jovens poderiam comparecer aqui, por fornecerem leitura substancial dos temas fraturantes.

Algumas das questões em debate no contexto da literatura do Holocausto em diálogo com temas fraturantes implicam dar importância aos horrores históricos e provocar discussões reflexivas, ocupando outros referenciais para a leitura da vivência humana. O mais urgente é educar pela literatura, “vista como o instrumento mais atrativo para falar de problemas sociais, questões relacionadas a valores”. Bajour (2012, p. 26) nos diz que “os textos literários nos tocam e nos questionam acerca de nossas visões sobre o mundo e nos convidam a perguntarmo-nos como viveríamos o que é representado nas ficções”.

Há muito não se pode mais caracterizar HQ como literatura eminentemente ficcional. Inúmeros fatos históricos e biografias vêm encontrando nos quadrinhos um profícuo lugar de criação e publicação artísticas sobre acontecimentos que marcaram os feitos da humanidade. Nesse sentido, Spiegelman (2009, p. 176), ao revelar à namorada sua inquietação em dar conta de reproduzir em HQ os horrores do Holocausto vivenciados por seus pais, torna-se infecunda, ainda que houvesse necessidade de “deixar coisas de fora, simplificar”.

Acreditamos que não se têm dúvidas de que HQ consiste em possibilidades didático-pedagógicas que permitem processos de interação entre distintos campos do conhecimento. Como recurso didático-pedagógico nas aulas de Literatura e História, por exemplo, levando em consideração o Holocausto, o emprego de HQ no ambiente escolar tornar-se-á oportuno tanto à motivação à experiência da leitura, como na aprendizagem do fato histórico, especificamente.

Holocausto en *Maus*: tema de fractura y universo en HQ

RESUMEN

Utilizando un análisis bibliográfico en sus aspectos teórico, conceptual e histórico, a través de una investigación cualitativa, este trabajo tiene como objetivo discutir el Holocausto utilizando *Maus: la historia de un sobreviviente*, un cómic de Art Spiegelman (2009), publicado por primera vez en 1980. Comics (HQ) trata al autor en entrevistas con Vladek Spiegelman, su padre, sobre sus recuerdos en el campo de concentración de Auschwitz, en el sur de Polonia, desarrollado en la Alemania nazi, que puso en práctica el exterminio de judíos, gitanos, homosexuales, mentalmente y discapacitados físicos. Justificado por la lógica de la superioridad racial, el Holocausto se inserta entre las luchas que causaron millones de muertos durante las guerras coloniales e imperialistas, para sacrificar colectivamente a los grupos sociales excluidos del sistema organizativo dominante y las clases populares del mundo. Tomamos como soporte teórico las investigaciones sobre literatura y literatura infantil y juvenil realizadas por Bajour (2012), Coelho (2008), Colomer (2003; 2017), Resende (2001), Turchi y Souza (2010). Para el apoyo histórico y sociológico, Bauman (1999), Chalhoub y Pereira (1998) y Guterman (2020) fueron puntuales en la comprensión del Holocausto desde una perspectiva cultural, desde la historia de las ideas y las relaciones sociales. Nuestros argumentos llevan a entender que el Holocausto puede ser narrado por el arte secuencial de HQ, esculpido por Spiegelman en argumentos históricos y ficticios. Los temas de fractura en la literatura infantil y juvenil se han vuelto recurrentes en las narrativas contemporáneas. El encuentro entre los campos de literatura y la historia presentes en *Maus*, tratados con seriedad por la ilustración y el texto de Art Spiegelman, consiste en un testimonio histórico del genocidio practicado por los nazis durante la Segunda Guerra Mundial que victimizó a judíos y otras minorías. Este tema integra las tendencias contemporáneas de la literatura, ya que conocer las atrocidades del Holocausto nos lleve a prestar más atención a la actualidad ante tantos hechos que contradicen los derechos humanos y que pueden conducir a un nuevo recrudescimiento del racismo y la xenofobia.

PALABRAS CLAVE: Holocausto. Cómic. Tema de fracturamiento. Literatura e historia.

NOTAS

¹ Muito temos a agradecer a Danton Ribeiro pelas indicações bibliográficas e audiovisuais (filmes e documentários) sobre o Holocausto, compartilhando conosco suas anotações pessoais e impressões que resultaram em profícuas discussões por horas a fio por telefonemas e mensagens de *whatsapp*.

² A Organização das Nações Unidas instituiu a data pela resolução 60/7, em alusão ao dia 27 de janeiro de 1945, quando Auschwitz-Birkenau, maior campo nazista de concentração e morte, foi libertado pelo Exército Vermelho, as forças armadas da extinta União Soviética. Criado em 1918, foi renomeado em 1946 com o título de Exército Soviético, este extinto em 1991, diante ao colapso do bloco socialista. Após a Segunda Guerra Mundial, por dois anos, a União Soviética transformou Auschwitz-Birkenau em campo de prisioneiros.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. Educação após Auschwitz. In: **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1995.

AMADO, Jorge. **Hora da guerra**: a segunda guerra mundial vista da Bahia. São Paulo: Companhia da Letras, 2008.

ANDERSEN, Hans Christian. **A pequena vendedora de fósforos**. Rio de Janeiro: Record, 1972 (Coleção No país das maravilhas).

BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas**: o valor da escuta nas práticas de leitura. Tradução Alexandre Morales. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e holocausto**. Tradução Marcus Penchel. São Paulo: Contexto, 1998.

_____. **Modernidade e Ambivalência**. Tradução de Marcus Antunes Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

CALVINO, Ítalo. Um general na biblioteca. *In: Um general na biblioteca*. Tradução Rosa Freire Aguiar. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010, p. 74-79.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas: símbolos, mitos, arquétipos**. São Paulo: Paulinas, 2008.

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário**. Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

_____. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2017.

FISCHMAN, David E. **Os homens que salvavam livros: a luta para proteger os tesouros judeus das mãos dos nazistas**. Tradução Luis Reys Gil. São Paulo: Vestígio, 2018.

FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank**. 70ª ed. Tradução Alves Calado. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

FOLMAN, Ari; POLONSKY, David. **O diário de Anne Frank em quadrinhos**. 7ª ed. Tradução Raquel Zampil. Rio de Janeiro: Record, 2020.

GLEITZMAN, Moris. **Uma vez: todo mundo merece ter alguma coisa boa na vida pelo menos uma vez**. Tradução Marília Garcia. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2017.

GRATZ, Alan. **Refugiados**. Tradução Pete Rissatti. Rio de Janeiro: Galera Record, 2019.

GUTERMAN, Marcos. **Holocausto e memória**. São Paulo: Contexto, 2020

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HEINBERT, Allan; CHEUNG, Jim. **Vingadores: a cruzada das crianças**. São Paulo: Salvat do Brasil LTDA., 2016.

JOFFO, Joseph. **Os meninos que enganavam os nazistas**. Tradução Fernando Scheibe. São Paulo: Vestígio, 2017.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos problemas**. 2ª ed. Tradução Theo Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

LETRIA, José Jorge; LETRIA, Andre. **A guerra**. São Paulo: Amelì, 2019.

MANNING, Molly Guptill. **Quando os livros foram à guerra**. Tradução Carlos Szlac. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2015.

NUNES, Lygia Bojunga. **Sapato de salto**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2006.

_____. **O abraço**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2010.

_____. **O meu amigo pintor**. 24ª ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2011.

O GLOBO CULTURA. Em mesa que uniu passado e presente, historiadores falam em ‘pesadelo’ do Brasil atual. In: **Globo Cultura**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/em-mesa-que-uniu-passadopresente-historiadores-falam-em-pesadelo-do-brasil-atual-21646424>. Acesso em: 20.01.2021.

RESENDE, Vânia. Literatura, afeto, memória. In. SERRA, Elizabeth D’Angelo (org.) **Ética, estética e afeto na literatura para crianças e jovens**. São Paulo: Global, 2001.

SEGALL, Lasar. **Visões de guerra: Lasar Segall**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2012.

SPIEGELMAN, Art. **Maus: a história de um sobrevivente**. Tradução Antonio de Macedo Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

TURCHI, Maria Zaira; SOUZA, Flávia de Castro. A face obscura da violência na literatura juvenil. In. AGUIAR, Vera Teixeira; CECCANTINI, João Luis; MARTHA, Alice Áurea Penteado (Orgs.) **Heróis contra a parede: estudos de literatura infantil e juvenil**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

ZUSAK, Markus. **A menina que roubava livros**. 3a. ed. Tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Intrínseca, 2013.

Recebido: 31 jan. 2021

Aprovado: 02 mar. 2021

DOI: 10.3895/rl.v23n40.13790

Como citar: COSTA, Anna Maria R. F. M. da; COENGA, Rosemar Eurico; GRAZIOLI, Fabiano Tadeu. Holocausto em 'Maus': tema e universo fraturantes em HQ. *R. Letras*, Curitiba, v. 23, n. 40 p. 84-99, mar. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.utpr.edu.br/rl/>>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

